

**Última hora**  
Helena Sousa integra  
o Conselho Regulador da ERC

# BOLETIM INFORMATIVO

## Um ano de Presidência do ICS

A prestação de serviço público à Comunidade do ICS, mais de 1700 membros, foi o designio assumido, há um ano, pela equipa de quatro professoras do ICS, para ser desenvolvido no mandato que abraçaram para três anos de Presidência.

O balanço deste primeiro ano reveste-se de disponibilidade, partilha, além de atividades colaborativas e de muita vontade de caminhar de forma mais partilhada e participada. Destacamos a auscultação e o alargado diagnóstico conduzidos junto da Comunidade, com vários instrumentos utilizados para aferirmos sobre o que podia ser melhorado no caminho a encetar. Também sobressai a possibilidade que nos foi proporcionada de uma maior consolidação do corpo docente e da carreira dos colegas TAG, assim como a participação dos colegas Investigadores e TAG, e dos Estudantes, em várias

comissões que foram criadas. Adite-se a maior atenção que tem vindo a ser dada à diminuição do stress no local de trabalho e de estudo.



Mas, acima de tudo, apraz-nos salientar o profissionalismo colocado nas atividades desenvolvidas, por parte dos membros da Nossa Comunidade, que ambicionam continuar a distinguir as Ciências Sociais da UMinho no panorama nacional e internacional.

Almejamos que o segundo ano de Presidência seja da continuação

da consolidação do corpo docente, de maior partilha e de maior abertura da Comunidade ICS à UMinho, assim como à comunidade externa à Instituição. Especial atenção será dedicada ao abandono dos estudantes nos vários ciclos de estudo, aos membros com necessidades especiais e à marca ICS. Continuaremos o incentivo à criação de canais de partilha de saberes, sobretudo de carácter pedagógico e científico e o atendimento regular aos membros da Comunidade ICS.

Estaremos por cá para vos escutar e para, em equipa, nos ajudarem a resolver os problemas... mas também para partilharem as Boas Notícias que vão tendo da vossa atividade pedagógica e científica, que consolidam, dia a dia, o nosso ICS!...

Paula Remoaldo  
Alexandra Esteves  
Maria José Caldeira  
Ana Duarte Melo



### Realizador da série “Rabo de Peixe” é um dos nossos

#### Entrevista exclusiva

Augusto Fraga fala do sucesso, dos novos projetos e da ligação à sua casa, aqui, no ICS. >

**Um ano da Presidência em números > | Balanço CineEco > | Destaques >**

# Um ano de Presidência do ICS

## Abertura de vagas



- Regime de concursos internos de promoção a categorias intermédias e de topo das carreiras docentes do ensino superior - Decreto-Lei n.º 112/2021
- Regime de concursos internacionais
- Concurso para Técnico Superior

## Extensão Oficial CineEco

Festival de Cinema Ambiental Internacional da Serra da Estrela

- **21** filmes
- **18** sessões
- **11** países
- **6** locais
- **267** espetadores
- **37** ações de divulgação
- **2** extensões



## Mostra Alterações Climáticas

- **11** cadernos de campo
- **3** jogos sérios
- **3** campanhas
- **11** cartazes
- **14** pósteres científicos
- **3** experiências pedagógicas



## Conselho Consultivo

- Ativação
- 9 membros confirmados

## Dia do ICS 8 nov.

- Roda de Conversa
- Lançamento das Alterações Climáticas como temática inspiradora



## 2 Formações

- *Workshop* de Escrita Académica
- Oficina de Preparação de Projetos de Doutoramento



## Comissão para a Mitigação das Alterações Climáticas

- **5** elementos (3 docentes, 1 estudante, 1 trabalhador administrativo e de gestão)

## Outro Dia do ICS 7 jun.

Balanço da produção do ICS sobre Alterações Climáticas

- **14** Apresentações



## 5 Visitas de/a Escolas



## 5 Ações de Divulgação Formativa



## 2 Feiras

Qualifica e UPA

## Concurso ExpressICS

Prémio de Expressão Artística e Cultural



## Prémio Voluntário do Ano



## 2 Questionários de Auscultação

Em que ICS gostaria de trabalhar?  
Em que ICS gostaria de estudar?



## 26 Reuniões

alargadas a toda a Comunidade do ICS



## 4 Boletins Informativos



## 13 Notas Informativas da Presidência

## Sessões de Bem-Estar

- **8** aulas de Pilates
- **1** sessão de meditação “Be Happy”



## Reformulação de Espaços

Sala Comum  
Sala de Professores



## Piquenique

## Festa de Natal



Reuniões preparatórias do  
**Congresso Internacional do ICS**



# Balanço CineEco

## Se não vais à montanha

### Ela vai até ti!

De dezembro de 2022 a maio de 2023, o ICS levou a cabo uma Extensão Oficial CineEco, o mais antigo festival de cinema ambiental internacional em Portugal, que tem lugar em Seia, na Serra da Estrela.

**21** Filmes | **25** Realizadores | **11** Países | **6** Locais | **18** Sessões | **267** Espetadores

#### Filme mais visto

### Água nas Guelras



MARCO SCHIAVON

Documentário | 24 min.  
Portugal, 2021

#### Maior Audiência

### Casa do Conhecimento de Vila Verde

Com a presença do realizador Marco Schiavon

#### Filme mais votado

*ex aequo*



PIERRE DUGOWSON

Documentário | 4 min.  
França, 2022

### Plastic Shopper + The Sausage Run



THOMAS STELLMACH

Animação | 10 min.  
Alemanha, 2022

#### Filme com melhor pontuação

### Total Disaster



4,54



KEIL ORION TROISI E MOLLY GORE

Documentário | 12 min.  
EUA, França, 2022

De abril de 2023 até 30/06  
ocorreram **62 Eventos.** ➤

De abril a junho de 2023 tiveram lugar **3 provas de Agregação**,  
**8 provas de Doutoramento** e **1 prova de Mestrado**.

**Em agenda - 5 Provas de Mestrado e 5 de Doutoramento.**

## Destaques



### Alunas da UMinho vencem prémio nacional de jornalismo em saúde

Patrícia Silva e Catarina Magalhães, do mestrado em Ciências da Comunicação do ICS, ganharam o "Prémio Universitário Revelação" no 7º Prémio Jornalismo em Saúde.



### Livro Branco do Serviço Público de Média

A Comissão do Livro Branco do Serviço Público de Média, coordenada por Felisbela Lopes, apresentou os resultados do seu trabalho, no dia 9 de maio, no Centro Cultural de Belém, numa sessão presidida pelo Ministro da Cultura.



### Prémio BUPI, categoria Produtividade Municípios, atribuído à Câmara Municipal de Amares

Vitor Ribeiro integra a equipa de geógrafos que recebeu prémio BUPI na categoria Produtividade Municípios atribuído à Câmara Municipal de Amares.



### Helena Machado coordena o Conselho Científico das Artes, Humanidades e Ciências Sociais da FCT

A professora catedrática do Departamento de Sociologia do ICS, assumiu a coordenação do novo Conselho Científico das Artes, Humanidades e Ciências Sociais da Fundação para a Ciência e Tecnologia.



### Fernanda Magalhães apresenta descoberta histórica

A Arqueóloga e Professora do Departamento de História do ICS, divulgou a descoberta de vestígios arqueológicos mais antigos do que a Sé de Braga.



### Doutorando ICS na série documental Portuguese Soul

Luís Gonçalves Ferreira, membro do grupo História Social a Norte e doutorando do Lab2PT, participa na 2.ª temporada da série documental "Portuguese Soul". Esta terá transmissão semanal na RTP2, aos domingos, até ao dia 16 de julho.

# Augusto Fraga

Criador e realizador da série “Rabo de Peixe” é um dos nossos



**Augusto Fraga é o criador e realizador da série “Rabo de Peixe”, grande êxito internacional na Netflix, que saltou para a lista dos 10 mais vistos em todo o mundo logo no início da segunda semana de exibição.**

**É também um dos nossos. Estudou Ciências da Comunicação em 1996 e guarda no coração essa passagem pela Universidade do Minho e pelo ICS.**

Nas vésperas de ser anunciada a realização de uma segunda temporada, de partida para Los Angeles para preparar a longa metragem “Angelino Heights” e a adaptação da peça de teatro “América” para Portugal, disponibilizou uma hora na sua agenda agitada para partilhar detalhes desta experiência inédita, do processo criativo, da relação com os atores, do seu percurso, de novos projetos, e falar da sua ligação ao Curso de Ciências da Comunicação, ao ICS e à UMinho, numa conversa emocionada e intimista.

**Aqui fica um resumo, mas pode aceder à entrevista completa aqui. >**



**“Fizemos o trabalho de uma série que gostássemos de ver. (...) Nunca pensámos no impacto que isso pudesse ter”.**

**Foi uma criação feita com liberdade, certo?**

Com muito liberdade, mas também um bocadinho fechada. Juntámo-nos numa mesa, umas vezes por zoom, outras fisicamente, e só trabalhávamos naquilo que gostávamos que fosse a história deles [dos personagens]. Não estávamos de todo à espera de ter todo este impacto e esta notoriedade, toda esta presença nos media e tantos comentários e tornar-se de alguma forma parte da cultura popular, com muitas frases que ficaram e imenso reconhecimento. Foi uma absoluta inconsciência, eu acho. (Ri-se)

**Como é que é ser o criador da série do momento? O que é isto? Como é que isto aconteceu?**

Eu, quando escrevi, quando criei as personagens, fiz o primeiro episódio e depois juntei o resto dos escritores. Juntámo-nos para escrever esse piloto, esse episódio de uma série, não eramos de todo conscientes de que isto podia acontecer.

Tínhamos o poder da inconsciência. Fize-

mos sem grande objetivo que não fosse... **fizemos o trabalho de uma série que gostássemos de ver. Esse foi o único objetivo.**

Ou seja, éramos exigentes, claro. Estamos a trabalhar com guionistas muito, muito bons, mas não havia outro objetivo que não fosse esse. (...) **Nunca pensámos no impacto que isso pudesse ter.**

“Muitos bloqueios criativos (...) emocionalmente é duro.”



### Como é que é que surgiu a ideia?

Eu há muitos anos que tenho a ideia de escrever ficção (...) Foi no confinamento (...) e dediquei uma parte desse tempo a escrever. Entretanto abriu o concurso ICA/Netflix de guiões, entreguei o que consegui fazer no prazo, sem nunca imaginar que seria um dos 10 selecionados. Mais à frente, a Netflix desafiou a escrever a história e depois a produzi-la.

**O que foi bastante incrível, com várias fases e todas foram incríveis e surpreendentes!**

### Mas como surgiu a ideia? Tu tens uma ligação aos Açores...

Eu sou açoriano, micalense, e estava nos Açores no confinamento, mas não acho que isso tenha sido talvez o fator mais importante, o estar lá ou ser de lá.

Termos todos uma base de ideias, uma pasta no computador com ideias que um dia gostaríamos de desenvolver. Selecionei 10 ideias e enviei para vários produtores e pessoas em quem confio, perguntei o que escolheriam e muitas pessoas acharam incrível o evento real que inspirou Rabo de Peixe e então decidi.

Quando vais sentar-te a escrever é tanto tempo – são dois anos da tua vida – e é tão grande o investimento, que é bom que tu tenhas a certeza de que o projeto é válido e que as outras pessoas vão estar interessadas nele.

Eu acho que é sempre interessante quando alguém quer fazer um projeto destes fazer uma triagem, falar com pessoas.

**O que foi bastante incrível, com várias fases e todas foram incríveis e surpreendentes!**



### Como é que é o teu processo criativo?

Muitas ideias vêm dos jornais, ou coisas que ouves na rua, ou simplesmente ideias que tiveste um dia.

Tinha escrito uma história, que era a história de um icebergue que vinha bater numas ilhas no mediterrâneo — lá está, estou sempre com a ilha na cabeça (ri-se) — e o que isso implicava, quem ganhava com isso, quem achava mal, (...) como é que a sociedade se organizava em relação a isso.

Rabo de Peixe foi uma destas histórias, a ideia de cocaína que vai parar a uma freguesia tão inocente e tão pouco preparada para essa substância, em vários sentidos. Pareceu-me uma ideia interessante, porque era um contraste enorme.

**A partir desse momento em que começaste a escrever e depois ganhaste o apoio, como é que foi esta construção de toda a equipa, de todo o processo que levou a isto? Em que é que mudou a tua vida?**

Escrever, em particular, é difícil. Dá muito trabalho. (...) Tenho um enorme respeito pelos escritores, porque de facto fazer disso um trabalho sistemático é muito, muito difícil.

Quando começou a parte de produção propriamente dita tive que começar a organizar o meu dia em blocos de horários: das nove à uma por exemplo, não havia emails, não havia telefones, não havia reuniões, não havia chamadas e só estávamos dedicados à escrita.

Quando queremos realmente ser criativos, criar alguma coisa realmente, implica às vezes parar, imaginar, ir lá fora dar uma volta e voltar. Não se pode estar ligado ao telefone e aos emails e às questões, porque perde-se a zona onde tu estavas.

### Sofreste bloqueios criativos?

Muitos bloqueios criativos. A escrita tem sempre aquela curva de “isto é brilhante, isto é horrível, isto é brilhante, isto é horrível”. E é constante, isto emocionalmente é duro.

“Ficção é frustração. Tens que (...) proteger a ideia.”



A gente tinha sempre um trabalho de casa que era o “e se?”, ou “what if?” em inglês, que era pensar a coisa mais absurda que cada um pudesse pensar que pudesse acontecer e no dia

a seguir punha-a em cima da mesa.

A ideia de atropelar o italiano, no primeiro episódio, como uma ajuda de Deus negativa, foi uma delas.

Esses bloqueios criativos aconteciam muito e nós tentávamos sempre não acabar as nossas reuniões sem soluções, para acabar o dia com uma nota alta, por uma questão psicológica.

### Como geriam o processo de escrita entre a equipa?

Seguíamos o modelo, as regras dos *writers room* americanas, escrevíamos os *outlines* de cada episódio, com a evolução da jornada dos personagens... Só depois disso começa realmente o trabalho de escrita.

Apesar de sermos 5, só 3 é que escrevemos o guião propriamente dito. Reescrevemos várias vezes e tínhamos uma *script doctor*, uma escritora com muita experiência que nos fazia uma revisão ainda mais global. **Alguns episódios nós reescrevemos 60 e tal vezes.”**

### Entre o piloto que submeteram e aquilo que conseguiram no final, houve muitas concessões? Sentiste essa necessidade de negociar?

**Ficção é frustração. Tens que proteger**, como nós na publicidade dizemos, **proteger a ideia.**

Do que nós escrevemos para o que nós conseguimos fazer há uma diferença gran-

de. Eu acho que o que nós escrevemos primeiro era melhor, mas mesmo assim nós apontámos tão alto, queríamos tanto fazer tão bem, que acho que apesar de

ter sofrido ainda conseguimos fazer uma série com a l g u m a qualidade.

### Ficaste contente com o objeto final?

Eu acho que podíamos fazer muito melhor (...) mas fico contente porque **foi um passo importante para poder fazer melhor.** A não ser que nasças Tarantino, ou alguns realizadores que são realmente génios, a maior parte de nós somos pessoas que por muito talentosas que sejamos não começamos tão alto.

Neste jogo do internacional nós, em Portugal, ainda não damos cartas. Não temos um percurso como Espanha, com um *star system* (...) que abriu portas a outros realizadores incríveis, que hoje em dia estão a trabalhar no mercado mundial. Estamos a construí-lo agora, portanto, as nossas possibilidades são menores, mas podemos fazer muito melhor.

### Sentes-te uma espécie de explorador desse caminho e também essa responsabilidade?

Não sentia e de alguma forma agora sinto que hoje me põem essa bandeira, de representar uma nova maneira de fazer cinema em Portugal, o que é uma coisa, por um lado injusta para com muitas pessoas que fizeram cinema muito bom em Portugal antes... Claro que a Netflix dá uma exposição grande.

Para usar uma metáfora simples, no futebol, um golo marcado numa final parece que vale mais que os outros 15 golos que alguém meteu durante o ano todo. (...) A mim calhou-me a sorte de meter o golo da final, o que não me dá mais mérito nem menos mérito do que ter metido um golo. (...) Nesse sentido, falo sempre em nós. Eu sei que não sou eu, sou eu e muitos como eu que têm o objetivo de chegar a mais públicos, a mais países, realmente criar uma cultura do audiovisual português sem que seja muito paternalista ou elitista, mas que também não seja vulgar, que seja realmente para todos.

### Tu tens um percurso que veio da publicidade. É muito diferente esta linguagem? Com episódios curtos, cenas curtas... Como é que vês isso?

Há vários realizadores que são grandes referências para mim e que começaram na publicidade (...).

Eu acho que na publicidade o grande perigo, ou o fracasso da publicidade, é não conseguir chegar em profundidade ao espetador. Isso é desperdiçar o investimento económico que foi feito. Portanto, nós prendemo-nos ao *frame* (...) tentamos, ao *frame*, realmente chegar ao espetador, seja porque é surpreendente ou porque visualmente é incrível ou porque é emocionante e temos que fazê-lo a cada 30 segundos, a cada minuto. Essa mentalidade está presente em Rabo de Peixe.

Há diferenças grandes, nomeadamente, os personagens e os atores. O meu foco foi sobretudo esse durante a filmagem. (...)

Eu até nem acho que seja uma série tecnicamente muito complexa, comparada com outras, mas sim, talvez tenha essa visão de não perder a atenção do espetador, de não aborrecer o espetador, de ser *rewarding*,



que tenha uma compensação, que sintas qualquer coisa.”

### Como é que tu lidas com as críticas, positivas e negativas?

Eu tenho repetido muito esta coisa do “tudo passa”. A série vai ocupar o seu sítio natural. (...) Os elogios eu relati-

vizo muito, a não ser que venham dos meus pares, de pessoas que eu reconheço que são muito boas no que fazem e que sabem o processo e que por isso têm valor. **E as críticas também.**

Aliás, agora que estamos a falar mais em privado, eu gostava muito de me sentar com alguns desses críticos mais intelectuais, para já para discutir as nossas formações académicas e depois para falar sobre cinema. E já agora para falar sobre os Açores. E acredito que a maior parte nem sabe dizer o nome das nove ilhas dos Açores, mas que têm uma visão muito paternalista daquela zona, que agora é preciso defender e não sei o quê...

### Vocês sentiram essa responsabilidade social de devolver à comunidade aquilo que a comunidade vos deu enquanto inspiração?

Eu não sou assistente social, eu não sei sequer o que é que ajuda ou não as comunidades. A intenção foi sempre fazer uma história de ficção que fosse interessante para o espetador.

Depois porque é um assunto que me interessa pessoalmente.

**“prefiro um filho preso do que um malandro à solta”. Esses são os valores daquela comunidade.**

Sem dúvida tentámos perceber muito bem com a comunidade o que é que podia ser prejudicial e tentámos não censurar-nos no que dizíamos, mas tentar também que a população veja aquilo como

uma ficção e não se veja retratada negativamente (...). Se há alguém que sai mal re-

tratado ali é toda a falta de apoio que aquela sociedade sempre recebeu (...) as autoridades políticas e de apoio social. A série, se critica alguma coisa, é isso.

E quando comesas a ver os valores que estão por trás, o conflito de valores que eles têm, o fazer o bem, o que é que é o bem. O bem, neste caso, é o pai do Eduardo (...) que verbaliza **“prefiro um filho preso do que um malandro à solta”. Esses são os valores daquela comunidade.**

A questão da pronúncia é interessante. Ainda ontem estreou uma série – Braga – e ainda não vi comentários sobre a falta de pronúncia na série. O que não deixa de ser interessante, porque no continente ninguém realmente distingue o ser de Braga ou ser de Lisboa. Claro que há pronúncia em Braga, mas é aceite que uma série que se chama Braga não tenha pronúncia e eu também acho e estou totalmente de acordo com isso.

**Uma língua é uma coisa, uma pronúncia é outra. Em São Miguel eles falam português.**

Os Açores são diferentes. Os Açores são vistos quase como ... folclórico (...) de cima para baixo.

Eu acho que a pronúncia de São Miguel é uma característica cultural que tem que ser protegida. Não se podem criar caricaturas.

**Uma língua é uma coisa, uma pronúncia é outra. Em São Miguel eles falam português.**

### Como é que te identificas? És um realizador de publicidade, um realizador de cinema, um realizador de séries... como é que te vês nesse teu papel?

A publicidade é ficção também. Quando separam a publicidade e a ficção eu não percebo bem.

Eu abri a porta a uma coisa que não tem retorno. **Eu nunca mais vou poder ser o realizador que era antes depois desta série.** Sobretudo porque encontrei o que é aquilo com que eu mais gostei de trabalhar nesta profissão. Mais do que as câmaras, mais do que escrever, que é **trabalhar com os atores. Foi o que mais me encheu o coração**, conhecer pessoas, que curiosamente são pagas para fingir e são as que são mais verdadeiras. Gostei mesmo dessa parte. **Gostei mesmo, mesmo, mesmo de trabalhar com os atores.**

### Ouve-se muitas vezes as pessoas a pedir uma segunda temporada. Há alguma perspetiva disso?

Nós não sabemos ainda oficialmente se haverá uma segunda temporada, mas há muitos caminhos que permitem narativamente desenvolver uma segunda temporada. Em

# Augusto Fraga

“Ter entrado na UMinho foi dos dias mais felizes da minha vida.”



termos de guião, claramente existe essa possibilidade.

Nós quisemos deixar uma história que fosse interessante. O final nunca é interessante, o que é interessante é o processo.

Mas não sei mesmo. Imagino que há uma lógica interna na Netflix que vai avaliar o sucesso da série.

## Mais projetos daqui para a frente?

Estou a trabalhar em várias coisas. Vou adaptar uma peça de teatro – América – que vi em Barcelona para Portugal, (...) **É um assunto que me interessa, esta ideia de porque é que uns têm tudo e outros não têm nada.** Estou a preparar uma longa-metragem em Los Angeles – Angelino Heights, produzida por Lucas Foster (...) e estamos com várias séries possíveis na mesa.

**No primeiro episódio percebe-se uma certa dicotomia entre “Deus está lá para nos ajudar, mas está lá também para nos colocar em dificuldades”. Esse lado de Deus enquanto entidade que cria as condições em que nós vivemos é aparentemente recorrente nas tuas preocupações. Passa também um bocadinho pelos teus projetos para o futuro?**

É muito interessante porque rompe uma coisa em que eu acreditava totalmente. (...) Eu era um grande defensor da ideia da meritocracia. De que todos temos direito a ser quem quisermos desde que trabalhemos e por mérito vamos chegar lá. E talvez a inocência se tenha rompido um pouco à medida que vou percebendo que nem todos começamos no mesmo

sítio. (...) Há uma injustiça nisto.

**É difícil ter uma visão tão determinista sobre o que é bom e o que é mau, quando ninguém sabe realmente o que é que está por trás daquilo tudo.**

**Olhando para trás, tu vieste para a Universidade do Minho e para o Instituto de Ciências Sociais, para o curso de Ciências da Comunicação em '96. Eras um bom aluno, daqueles muito certos?**

Para já tive muita sorte, porque eu estudei ciências no secundário e a única universidade que me aceitou em comunicação com exames de matemática, quando eu decidi mudar a minha vida, foi a UMinho. Por isso só tinha uma opção: ou entrava no Minho, ou então ia ser professor de física e química, que foi a minha segunda opção. Porque na minha família são todos de ciências. (...) **Ter entrado na UMinho foi dos dias mais felizes da minha vida.**



Ter conseguido entrar foi incrível, senão nunca teria conseguido fazer nada disto.

(...) Ter aulas de semiótica, de sociologia, era para mim... Uau! Estava super feliz.

Talvez por isso eu era bom aluno, porque eu estava a adorar aquilo tudo em comparação com o mundo de onde eu vinha.

**E havia professores que revelavam capacidades humanas incríveis (...) pormenores de pensamentos sobre a vida que eram passados nas aulas que me marcaram imenso.**

**Eu acho que a qualidade da universidade depende claramente dos professores, mas sobretudo de ti como aluno; o que é que fazes desses professores, o que consegues retirar deles, e dos teus colegas.**

**E nessa altura quando tu entraste já te imaginavas a ser realizador? Tinhas assim um “o que é que eu vou ser quando for grande”?**

Não, de todo. Eu descobri no ano anterior, no 12º, que foi um ano de mudança para mim, que descobri a palavra, descobri os poemas, a literatura, que sempre estive na minha casa, mas que eu nunca olhei para aquilo. (...) O facto de eu ir para comunicação social, já me parecia que eu ia estar ligado à palavra e às histórias.”

**O que é que dirias a um aluno que neste momento do ano está a escolher a universidade, o curso, e que em setembro vai entrar aqui no ICS para iniciar um novo ano letivo?**

**Eu acho que a qualidade da universidade depende claramente dos profes-**

# Augusto Fraga

“Eu gosto imenso de ir aí à Universidade do Minho, sinto-me mesmo em casa...”



sores, mas sobretudo de ti como aluno; o que é que fazes desses professores, o que consegues retirar deles, e dos teus colegas. (...) Parece um por menor, mas estar numa cidade (...) Braga é a terceira maior cidade do país, não é uma cidade pequena, mas para os nossos padrões é uma cidade muito pequena comparada com Nova Iorque, ou outras cidades grandes do resto da Europa. Esse tamanho de cidade permite que a pessoa vá a pé, vá ao cinema, vá ver uma exposição. É tudo fácil, sendo que há muita oferta cultural. Portanto, isso depois associado à Universidade, consegues combinar com os teus colegas, consegues por recomendação de um professor fazer alguma coisa, ir ver não sei o quê, é fácil e estás numa borbulha protegida. (...) O facto de Braga ser a cidade que é e a Universidade do Minho também ter atraído um tipo de professores que é residente, que quer estar ali, quer ficar ali, permite que haja pessoas que se conhecem durante muitos anos (...) e que podem recomendar para além do académico puramente.

**A Universidade do Minho, para mim, teve uma influência muito grande nas minhas decisões futuras.**

**Tu pertences a uma determinada geração com um tipo de referências. Nas novas gerações, notas que elas são igualmente proativas, interessadas, capazes de fazer por si próprias e ir à procura de encontrar soluções e o seu próprio caminho? Notas diferença entre a tua geração e a geração atual?**

Reconheço, às vezes, algumas queixas de que há de falta de interesse. Eu quero acreditar que todas as gerações há esse

discurso sobre a geração anterior. Na Krypton, que é a produtora que nós temos aqui em Lisboa, vão passando por estagiários e há, como havia há 10 anos e há 15, estagiários médios, estagiários desinteressados e estagiários brilhantes.

Para mim **o mais importante é a empatia**. Sobretudo numa profissão que é feita com tanta gente. (...) Não é ser serviçal, empatia é saber quem é que precisa. (...) **E depois a vontade de aprender. O não desistir nunca de aprender, o querer aprender constantemente.**

Ninguém te vai aceitar num *set* de filmagem, a menos que sejas um génio qualquer, se não tiveres uma profissão. E no início é conduzir carrinhas, é mover as mesas dos monitores daqui para ali, o que já te permite estar ao pé de pessoas que estão na área, já te permite aprender, estar ligado a isso. **E isso não tem mal nenhum, porque toda a gente começa assim. Eu comecei assim.**

Quando há 100 pessoas num *set*, se não estamos todos com um olho uns nos outros... o primeiro é o realizador — que não é o discurso normal dos realizadores —, mas eu acho que tem que dar, é o primeiro que tem que dar esse exemplo de considerar os outros iguais. (...) São 100 pessoas e têm que estar unidas numa lógica de conseguir levar aquilo para a frente. **E às vezes a integração dos estagiários e dos novos profissionais é dificultada**

por isso. Porque não intendem a *big picture*. Não é sobre ti, é sobre nós.

**Espero que continuem a ser esses os valores e que te levem ainda mais longe. Nós estamos todos muito orgulhosos de ti, do teu percurso e do Rabo de Peixe. (...) E esta será sempre, aqui, a tua casa quando quiseres voltar.**

**Eu gosto imenso de ir aí à Universidade do Minho, sinto-me mesmo em casa e tenho o projeto oculto de inscrever-me no Doutoramento.** Portanto, assim, estou à espera que abram as inscrições para tratar disso.

**Deixou de ser um projeto oculto neste momento...**

